

De que falavam os jornais açorianos antes de surgir o Diário dos Açores há 153 anos

O senso comum associa nos dias que correm a crise a uma menor qualidade de vida. Qualidade de vida não seria propriamente uma definição que os leitores, ou população em geral, primavam por decifrar há cerca de 150 anos atrás, altura em que se aproximava a chegada de um novo jornal a São Miguel, mais concretamente a Ponta Delgada.

Falamos dos anos que antecederam a década de 1870, década que via nascer o jornal quotidiano mais antigo dos Açores – “Diário dos Açores” – e onde a subsistência era um tema escrito constantemente na imprensa local e regional.

Subsistência – sustento, alimentos – uma problemática a que a população açoriana se deparou ao longo dos seus séculos de existência, mas que era também uma problemática na história que marcou afincadamente a vintena de anos que antecedeu a fundação do “Diário dos Açores” por Manuel Augusto Tavares de Resende.

Engana-se o leitor que se prenda na temática crise, ou contemporizando subsistência, deduza a entrada de circulação do quotidiano que traz estas linhas por este motivo. Ao invés, as limitações das actividades económicas e humanas não favoreciam um grande número de anunciantes, o que prejudicava a manutenção e sustentação económica de um jornal com actividade diária, pelo que é dado conhecer da história de fundação deste periódico, para angariar assinaturas e para atrair a confiança dos leitores para o Diário dos Açores, o seu fundador oferecia brindes, em dinheiro, regulados pela lotaria. Serve esta linha condutora para perceber o contexto e o editorial dos títulos que já percorriam as casas, os serviços, as populações dos Açores.

Parafraseando Carlos Cordeiro, in «A imprensa açoriana (1851-1870) e os “clamores deste povo”» e retomando o período entre 1851 e 1870, “foram publicados nos Açores cerca de oitenta títulos de jornais. Destes somente sete percorreram o período completo ou praticamente completo.

Dos outros, 19 tiveram uma duração superior a dois anos, sendo os restantes títulos efémeros”.

Tal como nos dias de hoje, os jornais de São Miguel, Terceira e Faial – únicas ilhas em que na altura se publicavam jornais – trazem à luz alguns dos grandes problemas que assolavam as populações.

Escreve Carlos Cordeiro, a problemática das subsistências, nomeadamente o abastecimento de cereais, assumia especial destaque nas notícias e artigos de opinião dos jornais.

Em 1868, o jornal “A Ilha”, de Ponta Delgada, fazia um apelo dramático a todos os portugueses, no sentido de socorrerem o povo açoriano, que se encontrava a passar dificuldades extremas no respeitante à aquisição



de cereais e à falta de emprego. Informava que as populações estavam a alimentar-se, em último recurso, de raízes de ervas prejudiciais à saúde e que, no concelho do Nordeste, já tinham ocorrido mortes em resultado da fome.

No Faial, os jornais “O Faialense” e “O Atlântico” também abordavam na década de 1960 este tema, tal como na Terceira fazia em idênticos moldes o jornal “O Angrense”. Já em 1969 o mau ano agrícola no distrito de Ponta Delgada fazia com que os títulos micaelenses “Açoriano Oriental” e “A Persuasão” referissem que a escassez de produtos básicos chegava a todas as classes.

A pesquisa e investigação de Carlos Cordeiro refere que “algumas intervenções jornalísticas encontram no sistema de impostos a causa das dificuldades dos agricultores, outras destacam a exorbitância das rendas da propriedade rural”.

Acrescenta, “o que convém, no fundo, destacar é o facto de as cíclicas crises das subsistências serem uma marca fundamental da vivência açoriana do período e que a consulta da imprensa da época nos fornece importantes informações sobre estes contextos de crise”.

No Faial, em análise a “Quinto Poder” – a imprensa faialense entre 1857 e 1893 – Carlos Lobão», a imprensa faialense, apesar das dificuldades, era um local que não podia ser dispensado para quem gostava de escrever sendo essa uma das actividades socialmente mais prestigiadas.

Sobre o que se escrevia no Faial? Entre 1857 a 1893, “provavelmente devido ao fraco desenvolvimento literário da instrução e em segundo no acanhado a tráfego comercial o carácter de publicação” dividia-se sobretudo entre o literário, política, noticioso, abordando temáticas ligadas ao desporto, religião, satírico, estes três últimos temas muito ligados ao literário.

Serve a referência aos jornais da ilha do Faial para dar a perspectiva e objectivos de Tavares de Resende quando cria o “Diário dos Açores”.

O fundador do diário micaelense, num meio caracterizado pelo analfabetismo, pela dificuldade de circulação de informação, pessoas e bens e pelas limitações das artes gráficas, leva para as “bancas” um órgão de informação diário que dá aos micaelenses a informação do mundo que chegava a São Miguel, mal a ela tivesse acesso.

A título de exemplo, as notícias acerca da guerra francoprussiana que rebentou nesse ano de 1870.

Depois da análepse, 1870 é tempo do primeiro número do “Diário dos Açores” ver a luz do dia. Quotidiano, como sempre foi, nunca foi acompanhado por muitos periódicos que diariamente faziam sair as suas páginas na praça.

Avançando outros tantos anos como os que analisamos antes da chegada deste diário, revela o trabalho de investigação de Joaquim Machado, in «A Imprensa Micaelense (1890-1910)», que entre 1890 e 1910 circularam sempre em Ponta Delgada dois jornais diários, chegando a coexistir em 1908 três publicações com esta periodicidade – Diário dos Açores, O Comércio Micaelense e Correio Micaelense.

O “Diário dos Açores” foi, de resto, o único a sobreviver às vicissitudes do tempo. Durante quase dez anos, de Junho de 1881 a Janeiro de 1891, na sequência de uma condenação judicial, denominou-se “Novo Diário dos Açores”, regressando ao título original, que ainda hoje ostenta.

Caro leitor, e porque a 5 de Fevereiro de 2011 a impressão regista um número (39 mil, 405) saliente pela sua continuidade, periodicidade e longevidade, permita-me que, com própria subjectividade e em analogia ao seu editorial número um, conclua que defendendo os ricos e sobretudo os pobres, com o mais baixo preço da praça e com todas as temáticas que se vislumbram desde logo na renovada primeira página de hoje, a crise veio para fazer nascer e viver o

“Diário dos Açores”, o por algum tempo “Novo Diário dos Açores”, ou citando o extraordinário redactor Manuel Ferreira “o velhinho Diário dos Açores”.

Terminando, tal como terminou o primeiro dos 39 mil 406 exemplares que até hoje foram impressos: «Sob bons auspícios encerramos hoje a publicação deste jornal, esperançados de que o favor público jamais se nos recusará, e tanto mais, se a atender, o que podemos fazer em benefício dos comerciantes, agricultores, artistas, proprietários, etc, etc. (...)

Pedimos pois, a protecção e não é só aos ricos, é também aos pobres; e em breve convencer-se-ão todos, da utilidade de continuarem a protegernos, visto que estamos com disposição, de por todas as formas, sermos-lhes proveitosos (...)

Marco Henriques

A histórica “geração de ouro” açoriana

No dia 5 de Fevereiro de 1870, via a luz do dia o primeiro número de um jornal que se pretendia quotidiano, de pequeno formato, impresso na Tipografia de Manuel Correia Botelho, na Rua do Provedor, nº6, que não se publicava à segunda-feira e custava dez réis cada número avulso.

Pela inovação que trouxe à forma e conteúdo do jornalismo, que se fazia em finais do século XIX, o Diário dos Açores pode ser considerado como uma revolução na técnica e no espírito do jornalismo da época, trazendo nas suas linhas e periodicidade o germen de um novo estilo que libertaria a imprensa que se fazia na região dos moldes antiquados em que operava.

Foi, sem dúvida, arauto de um pioneirismo, não totalmente desprovido de riscos.

J. Silva Júnior descreveu do seguinte modo a fundação do Diário dos Açores:

“Debuxado nas tonalidades líricas de La Belle Époque, o retrato de Tavares de Resende ressalta dum fundo de céu insular. Açores de asas abertas saem dentre velhas máquinas de impressão que tipógrafos zelosos pedalam no afã da nova “folha”. Por aqui e por ali, na superfície glauca do mar açoriano, enfunam-se as velas dos “navios da fruta”, rumo ao largo...”.

A acção de Manuel Augusto Tavares de Resende pode ser vista como uma sequência da acção de outros grandes vultos da chamada “geração de ouro” açoriana, onde se incluem, por exemplo, os irmãos Canto e a criação de instituições como a Sociedade Promotora da Agricultura (com o seu órgão de informação “O agricultor micaelense”), em 1843, ou a Sociedade dos Amigos das Letras e das Artes, em 1847.

Através do Diário dos Açores chegaram a S. Miguel os escritos da “Geração de 70” e nele se desenvolveram e revelaram muitas das grandes personalidades da literatura e do jornalismo.

Manuel Cabral de Melo escreveu no suplemento que comemorou os 100 anos de vida do jornal, em 1970:

“Sentindo os anseios de então, Tavares de Resende, um jovem idealista de 21 anos apenas, autodidacta e espírito empreendedor, apetrecha uma tipografia e, no dia 5 de Fevereiro de 1870, faz circular na nossa cidade, o primeiro quotidiano do Arquipélago.

Convicto de que o levantamento da terra e da Nação devia basear-se na educação do povo, definiu a sua iniciativa por “publicação noticiosa, de instrução e de recreio. (...) Produto de uma forte vontade, o Diário dos Açores foi uma oferta e um testemunho do amor que Tavares de Resende sempre votou à sua e nossa terra, que ele tanto desejou ver engrandecida”.